

O Gênero Oral Entrevista Radiofônica em Situações de Ensino e Aprendizagem: Práticas de Avaliação

The Oral Genre Radiofonal Interview in Teaching and Learning Situations: Evaluation Practices

Celia Helena de P. Della M^a; Clides Aliande Loreto Pereira^b

^aUniversidade Federal de Santa Maria, Departamento de Letras Clássicas e Linguística. SC, Brasil.

^bFaculdade de Educação São Luis, Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão Escolar. SC, Brasil

*E-mail: celiadmea@gmail.com

Resumo

Considerando a pertinência de práticas orais no ambiente escolar e entendendo que o oral é um saber de referência que necessita legitimidade, elabora-se esta pesquisa que se define como uma tentativa de conferir ao oral um procedimento de avaliação da aprendizagem comparável à do texto escrito. Com esta proposição se elege o gênero entrevista radiofônica que, como um objeto de ensino e aprendizagem, consiste em “fazer falar”, ou seja, um entrevistador (aluno) busca informações sobre um problema ou questão em um entrevistado (*expert*) e isso, na concepção de Dolz e Schneuwly (2004), servirá para comunicar/informar a terceiros. Seguindo essa noção se busca estabelecer e entender critérios para avaliação de atividades com esse gênero oral em ambientes de ensino. Para isso, aplicou-se um formulário *on-line* a vinte alunos do Ensino Fundamental II, da Escola de Ensino Fundamental João XXIII – São Sepé/RS, com 12 critérios previamente estabelecidos, no intuito de entender o ponto de vista de alunos sobre esse gênero. Como resultados se teve a definição de quatro possíveis critérios apontados como muito relevantes pelos participantes, a saber: 1) Observância de papéis sociais de cada participante; 2) Planejamento prévio da interação comunicativa; 3) Capacidade de incitar/promover a fala do outro; 4) Respeito às trocas de turno.

Palavras-chave: Oralidade. Ensino. Avaliação.

Abstract

Considering the pertinence of oral practices at the school environment, and understanding that the oral one is a reference knowledge which needs legitimacy, this research was elaborated, that defines itself as an attempt to confer to the oral practice an evaluation procedure of the learning comparable to that of the written text. With this proposition, it was chosen the radiophonic interview genre which, as a teaching and learning object, consists of “talking”, that is, an interviewer (student) will seek information on an issue or question from an interviewee (expert) and this, in Schneuwly and Dolz’s (2004) conception, will serve to communicate/inform third parties. Following this notion, an online form was applied to twenty students from the Elementary School II- João XXIII Elementary School - São Sepé/RS, with twelve previously established criteria, in order to understand the students’ point of view about this genre. As results, there was the definition of four criteria pointed out as very relevant by the participants: 1) Observance of the social roles of each participant; 2) Prior planning of the communicative interaction; 3) Ability to encourage/promote the speech of the other; 4) Respect for shift alternation.

Keywords: *Orality. Teaching. Evaluation.*

1 Introdução

Em uma cultura escolar predominantemente grafocêntrica, estimular o estudo da oralidade é fundamental não só para que se cumpra com o previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa: ensinar tanto a língua escrita como a falada, como também para que se desenvolva uma prática com a linguagem que se estabelece na interação sociodiscursiva, por meio de atividades desempenhadas e sustentadas por recursos linguísticos apropriados. Para tanto, é necessário que haja uma potencialização dessa perspectiva sobre o oral trabalhado, em sala de aula, para que o aluno, enquanto falante, possa reconhecer a importância da oralidade e, também, conscientizar-se sobre a adequação dessa prática de acordo com a situação comunicativa.

Nesse sentido, para abordar a oralidade em sala de aula sob a perspectiva de gênero, elenca-se a entrevista radiofônica na acepção dos estudiosos Dolz e Scheneuwly (2004). Os autores caracterizam esse gênero como uma atividade de linguagem altamente padronizada, com demarcações de papéis bem delimitados e, por isso, pertinente para o ensino de práticas de linguagem¹.

Entretanto, há uma lacuna quando se trata de atividade com a oralidade em sala de aula: os critérios de avaliação da aprendizagem de maneira mais consistente. Dessa forma, este estudo objetiva verificar, sob a perspectiva de que Normand (2009), ao tratar do ponto de vista do locutor e não do conhecedor da língua, denomina como ‘massa falante’ (aluno), a pertinência de determinados critérios para

1 No Rio Grande do Sul, encontram-se várias unidades de radioescolares oficializadas em instituições estaduais. Dessa forma, o cenário da entrevista radiofônica se revela menos cenográfico, com práticas em situações reais de ensino.

a avaliação do gênero entrevista radiofônica em ambientes educacionais, a fim de que se colabore com o trabalho docente e que se perceba, sob outro olhar, alguns possíveis e necessários critérios de avaliação da oralidade em situações de aprendizagem.

2 Material e Métodos

Tendo por base os pressupostos teóricos do gênero oral, entrevista radiofônica², e os 12 critérios para avaliação da oralidade propostos por Della Méa e Silva (2018), aplica-se um questionário *on-line*, elaborado via Google Forms, para 20 alunos do Ensino Fundamental II da Escola de Ensino Fundamental João XXIII – São Sepé/RS. Essa escola foi

eleita por haver disponibilidade dos alunos em participarem, autorização da direção para aplicação da pesquisa e inserção deste pesquisador no contexto escolar, de forma que os alunos já estavam familiarizados com os termos utilizados no questionário e conheciam o gênero Entrevista.

Entre os teóricos abordados pelas autoras para formulação dos critérios gerais sobre a oralidade, estão as acepções teórico-práticas de Marcuschi (1986, 1997, 2001, 2008), Bakhtin (2003), Dolz e Schneuwly (2004), Flores e Teixeira (2005), Vieira (2005).

Registra-se o formulário apresentado aos alunos digitalmente, sendo possível a escolha de apenas uma das alternativas propostas em cada critério (Figura 1).

Figura 1 – Formulário de entrevista

<p>Gênero entrevista (aluno como entrevistador)</p> <p>Considere o processo de avaliação desse gênero e dê sua opinião sobre o grau de relevância ao se <u>avaliar</u> o gênero no contexto educacional.</p> <p>A entrevista é um gênero de longa tradição que consiste em fazer o outro (um expert) falar, com o intuito de comunicar as informações a terceiros.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Observância dos papéis sociais de cada participante. () Muito relevante () Relevante () Pouco relevante () Não se aplica 2) Respeito às trocas de turno (tempo de cada falante; não interrupções). () Muito relevante () Relevante () Pouco relevante () Não se aplica 3) Grau de formalidade específico ao gênero - polidez. () Muito relevante () Relevante () Pouco relevante () Não se aplica 4) Organização frasal e de tópicos de fala adequados (à situação comunicativa e que não constroem o interlocutor). () Muito relevante () Relevante () Pouco relevante () Não se aplica 5) Seleção léxica adequada e consistente. () Muito relevante () relevante () Pouco relevante () Não se aplica 6) Manutenção do tema (não trazer elementos fora da abrangência temática). () Muito relevante () Relevante () Pouco relevante () Não se aplica 7) Capacidade de argumentação em defesa das ideias. () Muito relevante () Relevante () Pouco relevante () Não se aplica 8) Adequação da voz. () Muito relevante () Relevante () Pouco relevante () Não se aplica 9) Adequação da linguagem corporal (olhar, mãos, gestos etc). () Muito relevante () Relevante () Pouco relevante () Não se aplica 10) Capacidade de exposição e reflexão imediata sobre o tema (cumprimento do objetivo da situação comunicativa). () Muito relevante () Relevante () Pouco relevante () Não se aplica 11) Capacidade de promover/incitar a fala do outro (fazer o outro falar) – cumprimento do objetivo da situação comunicativa. () Muito relevante () Relevante () Pouco relevante () Não se aplica 12) Planejamento prévio da interação comunicativa. () Muito relevante () Relevante () Pouco relevante () Não se aplica () outro(s): se quiser, cite outros elementos adequados ao processo avaliativo desse gênero

Fonte: Os autores.

Os discentes, ao serem confrontados com os critérios, deveriam elencá-los em *Muito relevante*, *Relevante*, *Pouco relevante* ou *Não se aplica*. Com os resultados coletados, optou-se por definir os critérios que tiveram mais de 50%

² Conforme Hoffnagel (2002), a entrevista pode ser entendida como uma constelação de eventos possíveis, como por exemplo, a entrevista científica, a médica, a jornalística, a de emprego etc, que se realizam por meio do gênero. A característica geral da entrevista é a estrutura de perguntas e respostas, constituindo-se em prática de linguagem convencionalizada. Assim, adotam-se as características gerais do gênero entrevista para discutir as questões pertinentes à entrevista radiofônica.

dos respondentes com valoração *Muito relevante* para fins de parâmetros avaliativos a serem considerados nesta análise.

3 Resultados e Discussão

No contexto educacional brasileiro, a pesquisa sobre oralidade tem recebido destaque ao longo das últimas décadas, entretanto, os estudos escolares, mesmo que haja legislação e orientação sobre a necessidade do trabalho com registros orais, ainda carecem de olhar cuidadoso sobre o oral, pois não há um lugar bem definido às práticas orais de linguagem dentro do ambiente escolar. Assevera isso o apontamento de Marcuschi (2008) sobre o assunto de que os gêneros orais ainda não são tratados de modo sistemático. Apenas os mais formais, são lembrados em suas características básicas

Nesse sentido, salienta-se uma grande predileção pelo trabalho com gêneros escritos em detrimento de atividades com os orais, sendo aqueles mais valorizados e ensinados que estes.

Dolz e Schneuwly (2004), professores e pesquisadores europeus, registram que para a educação francófona, as atividades com oralidade vêm de longa tradição e são constantemente praticadas, entretanto, sem que haja o efetivo aproveitamento da atividade como um instrumento didático passível de construção de conhecimentos. Os autores propõem, por meio de sequências didáticas³, abordagens sobre gêneros orais e escritos que se constituem como instrumentos para o trabalho com práticas de linguagem em sala de aula.

Sobre o trabalho com gêneros orais, os professores enfocam a exposição oral e o debate público, sendo o gênero entrevista radiofônica também abordado, mas sem a igualdade no tratamento sobre o assunto, pois a atenção dispensada ao gênero entrevista radiofônica se resume ao final de uma seção que trata de gêneros escolares em geral. Mesmo com a breve análise dos autores, fazem relevantes contribuições, quando abordam esse gênero.

Para Dolz e Schneuwly (2004, p.73):

(a) entrevista consiste, então, em fazer falar essa pessoa *expert* a respeito de diversos aspectos de um problema ou de uma questão, com o intuito de comunicar as informações fornecidas a terceiros, que apresentam, teoricamente pelo menos, a demanda de informações.

O fazer falar, assim, é uma função atribuída ao entrevistador e, portanto, o aluno acaba assumindo um determinado papel social ao se constituir como um. Esse movimento de troca de papéis auxilia o aluno a perceber que, confrontado com situações de entrevista de emprego, por exemplo, poderá de certo modo prever minimamente a estrutura desse gênero que é padronizada e, assim, obter êxito. Ao tratar desse gênero, Gomes (2012, p.28) entende que:

[...] desenvolver a competência discursiva para a leitura/escuta/produção de entrevistas significa apropriar-se de

elementos que constituem esse gênero, não apenas sabendo falar sobre ele, mas podendo usá-lo (e até mesmo modificá-lo) para posicionamento diante do mundo.

É nesse sentido que Hoffnagel (2002) afirma que o gênero entrevista, em seu modelo canônico, se compõe de, pelos menos, dois participantes que obedecem a papéis bem definidos e que desempenham e detêm atividades sociodiscursivas a serem exploradas em sala de aula. Assim, é preciso ir além da simples apresentação de gêneros aos alunos; é necessário o exame crítico do gênero, a fim de que se possibilite a compreensão dos usos estratégicos ligados aos propósitos comunicativos.

Tratando da entrevista televisiva, Bentes e Leite (2010, p.128) afirmam que: “a entrevista apresenta-se como uma criação coletiva, pois produz-se não só interacionalmente mas também de forma organizada.” As autoras entendem que o espaço da entrevista é um lugar em que os participantes constroem relações de “dominância ou igualdade, convivência ou conflito, familiaridade ou distância”. Ademais, as autoras ainda postulam que:

Todos os destinatários têm papel importante na interação, não se podendo negligenciar nenhum deles. [...] Qualquer que seja o estatuto dos interlocutores, dificilmente eles mantêm o mesmo tipo de relação, visto que os conhecimentos de mundo não serão sempre os mesmos [...] (BENTES; LEITE, 2010 p.137).

Isto é, deve-se salientar a função social que os interlocutores exercem, sobretudo o entrevistador, e o conhecimento de mundo que cada agente possui, cabendo ao condutor da conversa se apropriar do mundo do entrevistado, atividade essa que exige dele pesquisa, preparação (oral e escrita), entre outros processos imprescindíveis ao gênero. Aplicando essa realidade ao contexto escolar, o aluno assume o papel de entrevistador e deve estar atento a todos esses procedimentos que antecedem a entrevista, bem como ao andamento dela.

Já ao docente cabe estimular a prática desse gênero oral em sala de aula e, por conseguinte, também cabe a ele avaliar as produções orais. É nesse sentido que Dolz e Schneuwly (2004, p.208) sinalizam para a avaliação como uma oportunidade de resolução de problemas. A avaliação serve, então:

[...] para pôr em prática um projeto de aprendizagem que permita resolver as dificuldades encontradas pelos alunos. Ela também servirá como justificativa ou motivação para a continuidade do trabalho que resta ser realizado ao longo de toda a sequência.

É nesse sentido que avaliar as produções orais irá aprimorar o conhecimento que o aluno já possui e o auxiliará não só na escola como também em outros ambientes e em diferentes momentos, uma vez que o domínio de questões que envolvem a oralidade é muito relevante não só para a interação social, como também para o domínio pleno da linguagem em

3 Trata-se de um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. A estrutura e o funcionamento da sequência didática não é objeto deste trabalho, portanto não serão explicitados aqui.

uso. Porém, como avaliar produções orais, em sala de aula, sobretudo a entrevista radiofônica? Dolz e Schneuwly (2004, p. 243) apresentam pistas para que se avaliem *exposições orais*: a) gestão do conteúdo informativo; b) hierarquização dos temas; c) articulação por meio de marcadores de estruturação; d) consideração das características de interação social e/ou do contexto situacional (abertura, fase de questionamento e fechamento). Nesta pesquisa são adotados os critérios gerais inicialmente propostos por Della Mêa e Silva (2018) por se entender que esses abarcam os acima citados e os complementam e direcionam para o gênero em questão.

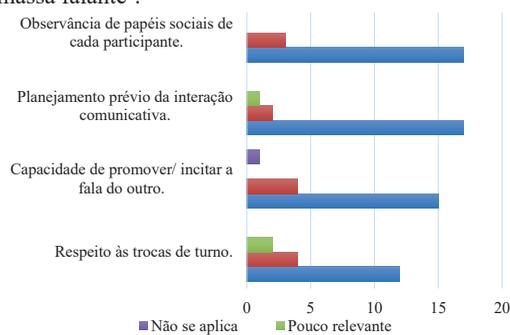
Tais critérios foram estabelecidos, considerando a perspectiva interacionista proposta por Dolz e Schneuwly (2004) e dos pressupostos da Pragmática e Linguística da Enunciação conforme Flores e Teixeira (2005):

- 1) polidez e observância dos papéis sociais dos participantes;
- 2) Respeito às trocas de turno;
- 3) Grau de formalidade específico ao gênero;
- 4) Organização frasal e de tópicos de fala adequados;
- 5) Seleção léxica adequada e consistente;
- 6) Manutenção do tema;
- 7) Capacidade de argumentação em defesa das ideias;
- 8) Adequação da voz;
- 9) Adequação da linguagem corporal (olhar, mãos, gestos etc);
- 10) Capacidade de exposição e reflexão imediata sobre o tema (cumprimento do objetivo da situação comunicativa);
- 11) Capacidade de promover/incitar a fala do outro;
- 12) Planejamento prévio da interação comunicativa (DELLA MÊA; SILVA, 2018).

É pertinente considerar que segue-se a concepção de avaliação como processo que permite valorizar a aquisição dos alunos ou remodelá-la. Assim, não se pretende estabelecer critérios ou padrões para avaliação que sabidamente devem ser considerados em processo. Busca-se, com essa discussão, uma reflexão sobre a atividade de avaliação focada na prática da ‘massa falante’, ou seja, o que os alunos têm de conhecimento sobre as características que definem o gênero Entrevista (radiofônica) e que apontam como elementos *Muito relevantes* para o desempenho dessa atividade.

A fim de registrar os critérios que possam servir de parâmetros para a avaliação do gênero entrevista radiofônica, neste trabalho, adota-se a exposição de um gráfico com posterior reflexão sobre os dados expostos. Os resultados a seguir, conforme a ordem exposta no gráfico da Figura 2, são analisados separadamente, no intuito de explicitar as particularidades em que esses se enquadram.

Figura 2 - Gráfico sobre a entrevista radiofônica na perspectiva da ‘massa falante’.



Fonte: Dados da pesquisa

Com relação aos dados registrados acima, é perceptível que, dos doze critérios expostos à ‘massa falante’, somente quatro receberam valorização *Muito relevante* por mais de 50% dos respondentes. Ainda, os critérios *Observância de papéis sociais de cada participante* e *Planejamento prévio da interação comunicativa* obtiveram igual resultado no que concerne ao número de participantes – 17 dos 20 alunos - que os apontaram como *Muito relevante*.

Desse cenário, observa-se que o primeiro critério é concernente à ordem pragmática da língua, enquanto o segundo diz respeito à ordem textual-semântica de composição do gênero. Isso revela que os discentes – massa falante - consideram importante observar a função social assumida pelos interlocutores durante esse processo de comunicação, pois os papéis sociais internalizados auxiliam em futuras práticas de linguagem e permitem a compreensão do que é a troca de turnos de linguagem entre pares que desempenham funções sociais diferentes.

Além disso, a noção de planejamento da situação interacional no sentido de observância dos elementos significativos (textuais, discursivos etc.) assevera o fato de que a oralidade deve ser preparada para desenvolver propósitos específicos. Ao elencarem esse tópico, os alunos revelam o interesse pelo aspecto textual do gênero, porque é nesse que reside toda a preparação do roteiro de entrevista, a pesquisa sobre o entrevistado e sobre o tema a ser abordado.

Como terceiro critério, com 15 votantes, tem-se a *Capacidade de promover/incitar a fala do outro*, sugerindo a necessidade de o entrevistador mobilizar os recursos necessários de ordem pragmática para fazer com que seu entrevistado interaja com ele dentro do roteiro previamente estipulado. Nessa capacidade de fazer falar está embutida o poder de persuasão e de convencimento do entrevistador, cabendo a ele dar à entrevista uma progressão temática e textual lógica e coerente. Dessa forma, o papel do entrevistador, mesmo que seja de promover a fala do outro, assume relevância pois direciona a entrevista e encaminha para os assuntos a serem abordados.

Por fim, como quarto critério elencado em nível de relevância para a avaliação do desempenho, em gêneros orais, aparece, com 12 respondentes, o *Respeito às trocas de turno*. Também de ordem pragmática, esse apontamento se refere ao processo de interação com foco no andamento da entrevista, sendo dever dos interlocutores, sobretudo do entrevistador, respeitar os momentos de fala de cada um com a finalidade de promover um processo comunicativo bem delimitado e organizado, para que chegue aos espectadores da forma mais clara e objetiva possível.

É preciso ressaltar que a escolha dos critérios pela ‘massa falante’ é marcada pela ordem pragmática da língua, o que reafirma a ideia de que os discentes valorizam, consideravelmente, a própria entrevista, o gênero cumprindo com seu propósito comunicativo, em detrimento da preparação e/ou dos aspectos textuais, semânticos ou gramaticais

que o circundam. Dessa forma, legitima-se a noção do gênero entrevista como evento comunicativo estruturado sociodiscursivamente.

4 Conclusão

Conforme já salientado, o trabalho com o gênero entrevista radiofônica em situações de ensino e aprendizagem proporciona ao aluno uma oportunidade de aperfeiçoar aspectos orais, como polidez, manejo da troca de turnos e dicção, bem como no que se refere à escrita, uma vez que terá de organizar roteiros de entrevistas. Também prepara o aluno para assumir diferentes papéis sociais, ora de entrevistador, ora de entrevistado, fazendo, assim, com que esteja preparado para lidar com situações rotineiras, que exijam essa inversão de papéis sociais.

Tendo por base que a entrevista radiofônica deve ser ensinada, em contexto escolar, ou seja, é um objeto de ensino, estudou-se a avaliação desse objeto ensinável, no intuito de fornecer subsídios à atividade docente. Diante disso, considera-se entender como falantes comuns (alunos) percebem as características principais desse gênero. Acredita-se que se chegou a critérios gerais, mas básicos e homogêneos para a avaliação da entrevista radiofônica e que esses critérios aqui expostos, embora sejam muito relevantes, não excluem outras possibilidades, pois são os diferentes objetivos selecionados a partir das características específicas de cada gênero que servirão de critérios de avaliação.

Nesse sentido, os critérios aqui elencados são entendidos como ponto básico de partida para avaliação de práticas com

a linguagem, em sala de aula, ligadas ao gênero entrevista e, somam-se a esses, as especificidades e os objetivos de cada situação de ensino e aprendizagem.

Referências

- BENTES, A.C.; LEITE, M. *Linguística de texto e análise da conversação: panorama de pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Proposta preliminar. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2017.
- DELLA MÉA, C.; SILVA, S. Avaliação de gêneros orais: critérios em debate. *Diálogo das Letras*. v.7, n.3, p 44-60, 2018.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- FLORES, V. TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- GOMES, M. A entrevista na sala de aula. *Práticas de Linguagem*, v.2, n.1, 2012.
- HOFFNAGEL, J. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, Â.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.180-193.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Liberdade, 2009.
- GONÇALVES, L.; KROTH, M. Educomunicação: o uso do blog como ferramenta complementar de aprendizagem na escola Érico Veríssimo, em Santa Maria – RS. In: *INTERCOM*. Palhoça 2014. *Anais...* Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-0638-1.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2018.